



Editor
Elmer Dyck

Autores
Gordon Fee, J. I. Packer,
Eugene Peterson, Craig Gay,
Loren Wilkinson, James Houston

HERMENÊUTICA

UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR
DA LEITURA BÍBLICA



SHEDD
PUBLICAÇÕES

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO

CAVEAT LECTOR

EUGENE PETERSON 7

- 1 A HISTÓRIA COMO CONTEXTO PARA A INTERPRETAÇÃO
GORDON D. FEE 11
 - 2 O CÂNON COMO CONTEXTO PARA A INTERPRETAÇÃO
ELMER DYCK 39
 - 3 A TEOLOGIA E A LEITURA DA BÍBLIA
J.I. PACKER 79
 - 4 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO E A ARTE DA SUSPEITA
(UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DA INTERPRETAÇÃO)
CRAIG M. GAY 109
 - 5 A HERMENÊUTICA E A REAÇÃO PÓS-MODERNA CONTRA A
“VERDADE”
LOREN WILKINSON 141
 - 6 VISANDO A UMA ESPIRITUALIDADE BÍBLICA
JAMES M. HOUSTON 183
- NOTAS 215

Copyright - SHEDD PUBLICAÇÕES
Título do original em inglês: *The act of Bible reading:
a multidisciplinary approach to biblical interpretation*
Publicado pela Inter Varsity Press, 1996

1ª Edição - Novembro de 2001

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME
Rua São Nazário, 30, Sto Amaro
São Paulo-SP - 04741-150

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-88315-09-2

TRADUÇÃO: Gordon Chown
REVISÃO: Ruth Hayashi Yamamoto
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Edmilson Frazão Bizerra
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Scala / Art Resource, NY: Robert Campin,
Barbara. Prado, Madri, Espanha.*

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO

DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

O95o

OUVINDO A DEUS : uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica
[Eugene Peterson ...et al.] ; tradução Gordon Chown. - São Paulo :
SHEDD, 2001.

224 p. ; 140x210CM.

ISBN 85-88315-09-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. I. Peterson, Eugene. II. Chown,
Gordon.

CDD: 220.6

INTRODUÇÃO CAVEAT LECTOR

EUGENE PETERSON



Para os cristãos, a leitura e o estudo das Sagradas Escrituras como nossa autoridade, em todas as questões da fé e da prática, é uma atividade fundamental e essencial, e não um acréscimo opcional. Mas no nosso mundo contemporâneo, com sua moda proliferante de “espiritualidade”, cada vez mais pessoas estão escolhendo outras autoridades e guias para a salvação. Por mais atualizadas e atraentes que muitas dessas opções pareçam, nós, os cristãos, as rejeitamos.

Recusamos dar corda em nós mesmos, para produzirmos estados visionários de êxtase, a fim de entrarmos em contato com Deus. Recusamos o empreendimento de tarefas hercúleas de heroísmo moral, a fim de descobrirmos as potencialidades divinas dentro de nós. Recusamos afastar-nos para uma caverna nas montanhas e esvaziar-nos de todos os pensamentos, sentimentos e desejos, a fim de que nada mais exista, para impedir nosso acesso imediato à Realidade. Nós, os cristãos, às vezes ficamos impressionados com essas pirotécnicas espirituais e, ocasionalmente, até mesmo expressamos nossas emoções favoráveis a respeito. Mas nossos guias mais sábios não nos encorajam a seguir esse caminho. Por contraste com as espiritualidades mais espetaculares, nossa via é pedestre, ou seja, literalmente, colocar um pé diante do outro, ao seguirmos Jesus. Para sabermos quem é Jesus, para onde ele vai, e como andarmos nos seus passos, pegamos um livro, o livro supremo, e o lemos: as Sagradas Escrituras.

Historicamente, os cristãos têm estado tão preocupados com o *como* lermos a Bíblia quanto com o *fato* de a lermos. A comunidade cristã, como um todo, nunca considerou ser suficiente colocar uma Bíblia nas mãos de uma pessoa, com a ordem de lê-la. Isso seria tão tolo quanto entregar as chaves de um automóvel a uma adolescente, oferecer-lhe uma Honda e dizer: “Saia dirigindo.” É igualmente perigoso. O perigo é que, tendo em mãos uma peça de tecnologia, impomos nela nossa vontade ignorante ou destrutiva.

A imprensa, afinal de contas, é tecnologia. Temos a Palavra de Deus em nossas mãos – *nossas mãos*. Agora podemos lidar com ela. É bastante fácil supormos que temos o controle dela, que podemos manejá-la, que podemos usá-la e aplicá-la.

Existe mais no automóvel Honda do que a tecnologia da mecânica. E existe mais na Bíblia do que a tecnologia da imprensa. Em torno da tecnologia mecânica da Honda há um mundo de gravidade e de inércia, de valores e de velocidade, de superfícies e de obstruções, de carros Chevrolet e Ford, de regras do trânsito, da polícia, de outros condutores de veículos, e de neve, gelo e chuva. O automóvel envolve muito mais do que seu câmbio de marchas e seu volante. Dirigir um automóvel envolve muito mais do que colocar a chave na partida e pisar no acelerador. Os que não sabem disso, demoram pouco para ficarem aleijados ou mortos.

E aqueles que não conhecem o *mundo* da Bíblia são, da mesma forma, perigosos para si mesmos e para o próximo. Portanto, à medida que distribuímos Bíblias e convidamos as pessoas a lê-las, também dizemos: “*Caveat lector* – acautele-se o leitor.”

Os homens e mulheres que circulam na praça para comprar legumes e carne, tapetes e saias, cavalos e automóveis, são advertidos pelos seus pais e avós mais experientes: “*Caveat emptor*: acautele-se o comprador.” A praça não é aquilo que parece ser. Está acontecendo mais do que uma simples troca de mercadorias. Os vendedores e os compradores não operam a partir da mesma disposição mental. Raramente são idênticas as suas intenções. Acautele-se o comprador.

E que se acautele também o leitor. Não basta ter letras impressas numa página e saber fazer a distinção entre os substantivos e os verbos. Ler a Bíblia pode provocar-lhe muitos problemas. Poucas coisas são

mais importantes na comunidade cristã do que ler as Escrituras *corretamente*. As Santas Escrituras têm imensa autoridade. Lidas incorretamente, podem dar origem a guerras, legitimizar abusos, sancionar o ódio, cultivar a arrogância. Não somente podem fazer isso, como também têm feito... *fazem*. Esse é o perigo existente.

Portanto, *caveat lector* – acautele-se o leitor. Leia, mas leia corretamente. O advérbio *corretamente* nesse contexto não somente significa com exatidão; significa com coração certo, e também com mente certa, o que, na linguagem dos escritores bíblicos, significa: com retidão. Leia as Escrituras, não para aprender alguma coisa que lhe dará vantagem sobre seu vizinho que não lê, nem para receber uma exaltação emocional ocasional, mas a fim de viver para a glória de Deus.

É essencial que reunamos todas as ajudas disponíveis, para adquirirmos habilidades na leitura das Escrituras, habilidades que nos orientam na mente e no coração da Bíblia, além de também nas palavras da Bíblia, habilidades que integram mentes afiadas e corações devotos, que insistem que não pode existir o entendimento das Escrituras que não seja, ao mesmo tempo, vivê-lo na prática; que não se interessam pela exegese que não seja, ao mesmo tempo, a santa obediência.

Os ensaios nesse volume representam algumas das melhores ajudas que existem à disposição daqueles que desejam adquirir habilidades na leitura das Escrituras. Os escritores desses ensaios, trabalhando juntos na comunidade de oração e de erudição que é Regent College, são mestres nisso. Não somente amam as Escrituras e as vivem, mas também são guias sábios, dispostos a ajudarem a todos nós, enquanto prosseguimos na nossa busca vitalícia de entender e viver o que lemos em nossas Bíblias.

1

A HISTÓRIA COMO CONTEXTO PARA A INTERPRETAÇÃO

GORDON D. FEE



ACONTECEU FAZ MUITOS ANOS. Fiquei acamado em casa, num domingo de manhã, passando bastante mal. Sem poder ir à igreja, resolvi substituir o culto na igreja por outro que podia escutar na estação de rádio WMBI em Chicago. Um pregador muito conhecido estava expondo 1Coríntios 3.16-17. Era veemente e eloqüente, mas estava entendendo erroneamente o texto. O templo, dizia ele ao seu auditório vivo e radiofônico, referia-se ao crente individual, especialmente ao seu corpo físico. E era melhor sermos santos, ele exortava, ou Deus nos destruiria. Desliguei o rádio e não sarei.

No ano seguinte, no mesmo lugar, na mesma estação de rádio, um pregador diferente, mas igualmente conhecido, estava fazendo uma exposição de 1Coríntios 3.10-15. Ele também aplicou a passagem ao cristão individual, a respeito de como edificamos a nossa vida no alicerce de Cristo. Embora muita coisa que disse fosse excelente e verdadeira, não tratou, na realidade, do assunto de que Paulo estava falando nesse trecho bíblico.

Se é assim que pregadores bíblicos famosos lidam com o texto bíblico – perguntei a mim mesmo – que esperança existe para o crente comum, que tem bem pouco tempo para o estudo, e que assim ouve que os textos significam algo bem diferente daquilo que o próprio Paulo estava dizendo aos coríntios? Quantos membros do povo de Deus, longe de celebrarem devidamente a Ceia do Senhor, aplicaram

1Coríntios 11.29 (na KJV) a si, de tal maneira que a mesa da Santa Ceia ficou sendo uma ocasião de profunda introspecção, solenidade, e culpa pesada!

Todas essas interpretações deixam de levar a História a sério como o primeiro contexto apropriado para a interpretação. Da perspectiva do estudioso bíblico, o primeiro passo em direção à interpretação válida das Escrituras é uma investigação histórica, chamada *exegese*, que significa a determinação do significado originalmente pretendido de um texto. “A História como contexto da interpretação” não se refere à nossa própria história, mas ao contexto original dos próprios textos bíblicos. A tarefa da interpretação é nada menos do que ligar o abismo histórico – e, portanto, cultural – entre eles e nós. É assim que determinamos o que e como Deus falou a eles, e como aquela mesma palavra fala conosco como uma palavra eterna.

É exatamente porque as nossas próprias histórias, tanto pessoais quanto culturais, são tão diferentes daquelas dos escritores das Sagradas Escrituras que devemos ocupar-nos com o processo interpretativo, chamado de *hermenêutica*, que se refere à tarefa global da interpretação, inclusive a exegese e a correlação e aplicação da exegese ao pensamento teológico e à vida cristã.

Para o estudioso bíblico, a hermenêutica significa aquele tipo de interpretação que considera as Escrituras como revelação divina, e que é, portanto, a base para a teologia, vida e comportamento cristãos. Concebida nesses termos, a hermenêutica procura aquele “sentido claro” das Escrituras, inspirado pelo Espírito e entendido com a ajuda do Espírito, que é igualmente aplicável e obrigatório como a palavra de Deus para todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os contextos.

Não depreciamos, com isso, o tipo de leitura bíblica devocional que a maioria das pessoas pratica. Lendo com coração e mente abertos, confiam no Espírito Santo para falar diretamente do texto das Escrituras para a própria vida delas. Uma pessoa que está passando por uma dificuldade pessoal, pode estar lendo Isaías 45 e escutar num sentido pessoal a promessa que Deus fez a Israel (no sentido de trazer a nação de volta do cativeiro): “Eu irei adiante de você e aplainarei

montes.” Semelhantes experiências são comuns entre a maioria das pessoas que lêem a Bíblia em espírito de oração, e estão dentro do poder inerente das Escrituras.

Como tais momentos são muito pessoais, ninguém argumentaria de modo razoável que esse *significado* do texto é universalmente aplicável a todos os demais crentes, embora cada um tenha, por certo, semelhantes experiências da palavra viva de Deus em comum. Mas o *estudo* das Escrituras, mediante o qual o povo de Deus cresce no entendimento e cada vez mais na semelhança de Cristo, exige que nos ocupemos na pesquisa histórica chamada exegese.

A NECESSIDADE

A necessidade da boa exegese pode ser ilustrada, em primeiro lugar, por uma série de exemplos, como aqueles que foram acima anotados, os quais resultam de interpretarmos textos bíblicos à luz da nossa própria experiência, cultura, preconceito teológico ou, simplesmente, à luz de informação errônea.

Mas a necessidade também surge de fatores muito mais significativos do que a interpretação inadequada ou simplesmente má. Essencialmente, a necessidade é o resultado de duas realidades: (1) o leitor também é, de fato, intérprete daquilo que lê; e (2) a natureza das Escrituras.

Em primeiro lugar, não é possível ler simplesmente as Escrituras, sem interpretarmos, à medida que lemos. Qualquer pessoa que depende de uma tradução em português para ler a Bíblia, já é dependente da interpretação dos tradutores. Note, por exemplo, duas interpretações diferentes de 1 Coríntios 7.21. A NVI diz: “Foi você chamado sendo escravo? Não se incomode com isso. Mas, se você puder conseguir a liberdade, consiga-a.” Mas existem estudiosos do NT que seguem a idéia de Goodspeed, e entendem que o texto significa exatamente o oposto: “Mas ainda se você conseguir conquistar a sua liberdade, aproveite ao máximo a sua condição presente.” As duas traduções baseiam-se no mesmo texto grego!

Mas não é culpa dos tradutores, quando os leitores também interpretam o que lêem. Os leitores chegam ao texto, levando consigo uma sacola cheia de pressuposições culturais e lexicais, muitas vezes sem terem consciência disso. Pergunte a si mesmo como você reage,

por exemplo, diante dessas três traduções da segunda pergunta de Paulo em 1Coríntios 1.20: “Onde está o escriba?” (ARA); “Onde está o erudito?” (NVI); “Onde está o perito na lei?” (Léxico de Bauer). Paulo está desafiando, retoricamente, o rabino judaico, o perito na lei judaica. A pessoa com algum embasamento bíblico talvez consiga captar esse fato, ao ler ARA ou Bauer, mas o leitor sem preparo pode deixar totalmente de captar o que Paulo quer ensinar, porque cada tradução pode significar algo bem diferente para ele.

Portanto, a primeira razão por que devemos aprender a realizar a exegese é que, como leitores, já somos intérpretes das Escrituras, quer reconhecamos, quer não. O que realmente está em jogo é se interpretamos *bem*.

A segunda razão por que devemos aprender a realizar a exegese, e de modo bem feito, relaciona-se com nossa convicção quanto à natureza das Escrituras. Os cristãos acreditam, como cristãos – ou, pelo menos, a ortodoxia histórica acredita – que a Bíblia é a Palavra de Deus outorgada em palavras humanas, na História. Isto é: assim como cremos que nosso Salvador é, ao mesmo tempo, tanto humano quanto divino, assim também acreditamos que as Escrituras são ao mesmo tempo, humanas e divinas. Por serem divinas, e por crer que a Bíblia é a Palavra de Deus, cabe a nós conhecer o seu significado e obedecer. Mas como a palavra eterna de Deus foi outorgada em palavras humanas na História, aquelas próprias palavras foram condicionadas pela cultura, contexto e padrões lingüísticos do autor. A palavra eterna de Deus foi falada em momentos historicamente particulares.

Não queríamos que fosse diferente. O Livro de Mórmon foi, conforme o relato, escrito em placas de ouro numa língua inexistente (o hieróglifo alfabético de Smith é totalmente impossível), e exigiu óculos mágicos para ser traduzido para inglês elizabetano, com mais de mil erros gramaticais. De modo bem conveniente, as placas foram levadas embora por um anjo, para impedir que qualquer olho humano as visse ou investigasse. Semelhante livro mágico dificilmente poderia ter provindo do Deus eterno que se revelou na nossa História humana, tanto nas Escrituras quanto na pessoa do seu Filho. De modo bem contrastante, o *nosso* Livro vive e respira História humana real – e está aberto para ser investigado por todos.

Mas exatamente porque a Bíblia, inspirada pelo próprio Deus, o Espírito Santo, também respira humanidade genuína, devemos aprender a interpretá-la. Como seus autores, humanos, falavam seu próprio idioma, a partir da sua própria cultura e dentro da sua própria história, devemos voltar até eles e escutar o que eles queriam dizer dentro dos seus próprios contextos históricos - se é para escutarmos a palavra do Deus vivo – tanto a eles quanto a nós. Exatamente porque Deus dirigiu a eles sua palavra eterna dentro da própria História específica deles, podemos nos revestir de grande confiança de que ele falará repetidas vezes, a partir daquele contexto, para vidas, em todas as partes do globo terrestre.

NOSSOS ANTECESSORES

Às vezes tem-se argumentado que semelhante conceito da exegese é muito moderno e, portanto, nem todas as pessoas no passado podem ter participado de semelhante interpretação do texto bíblico. Mas este é um modo inadequado de entender a história da interpretação.

É verdade que, no decurso desses últimos duzentos anos, temos tido melhor acesso às ferramentas históricas que muitas vezes nos capacitam a nos aproximar melhor da intenção original do autor. É também verdade que o “significado claro do texto” tem feito parte da interpretação bíblica, no decurso da História da Igreja. Esse é mais especialmente o caso da chamada escola antioquéia (inclusive gigantes tais como S. João Crisóstomo [m. 407] e Teodoro de Mopsuéstia [m. 428]) e da Reforma, especialmente as exposições de João Calvino.

Por outro lado, esse conceito da exegese também era uma das maneiras de interpretar o texto (juntamente com seu sentido espiritual, analógico ou alegórico), ainda que não fosse a mais importante, articulada na chamada escola alexandrina, pelo seu intérprete quintessencial, Orígenes (m. 254). Não é que Orígenes negligenciasse o significado do texto no seu contexto histórico, nem que o desrespeitasse; revelava-se bem perito em entender assim o texto, quando contribuía para os seus propósitos. Orígenes – e boa parte da igreja que se seguiu a ele – sustentava que cada palavra e cada pormenor das Escrituras deve ter “significado” para o crente. Por isso, ele e os demais festejavam com coisas tais como as parábolas. Aprenderam a

... Depois do artigo introdutório, *Caveat Lector* de Eugene Peterson, Gordon Fee e Elmer Dyck consideram a História e o Cânon, respectivamente, como contextos para a interpretação e ressaltam a importância da interpretação histórico-gramatical, dentro de um contexto canônico para o entendimento dos textos bíblicos. J.I. Packer explora a importância da teologia, no seu aspecto de informar a leitura da Bíblia, e também no seu aspecto de salvaguardá-la. Craig M. Gay apresenta entendimentos importantes da sociologia, especialmente da sociologia do conhecimento, ao nos precaver a perguntar, não somente o que o texto diz, mas quais pessoas dizem que ele diz isso, e por que devemos acreditar naquilo que elas contam que ele diz.

Enfrentando os desafios da hermenêutica secular moderna, provenientes de Heidegger e Nietzsche, no passado, continuando até Derrida e Foucault, no presente, Loren Wilkinson opõe-se à reação pós-moderna contra a verdade. James Houston leva o assunto debatido até ao fim, com sua ênfase de que o alvo da leitura da Bíblia deve ser a piedade e não a mera erudição.

EUGENE H. PETERSON é Catedrático "James M. Houston" de Teologia Espiritual e autor de *Um Homem segundo o Coração de Deus*.

GORDON D. FEE é deão do corpo docente e Catedrático de Novo Testamento em Regent College, e autor de vários livros e comentários, inclusive *Entendes o que Lês (Edições Vida Nova)*.

ELMER DYCK é deão acadêmico e Catedrático assistente de estudos bíblicos.

J. I. PACKER é Catedrático "Sangwoo Youtong Chee" de Teologia e o autor de muitos livros, inclusive *Conhecendo Deus*.

CRAIG M. GAY é Catedrático assistente de estudos interdisciplinares e o autor de *With Liberty and Justice for Whom?* (Eerdmans).

LOREN WILKINSON é Catedrático de estudos interdisciplinares e o autor de *Earthkeeping in the Nineties: Stewardship and the Renewal of Creation* (Eerdmans).

JAMES HOUSTON é diretor fundador e Catedrático (nomeado pela Fundação) de Teologia Espiritual e autor de *Orar com Deus*.



Shedd
publicações